

contém muitos elementos cristãos e escolásticos, embora se inspirasse em Berkeley e Leibniz.

Na França, constituiu-se um grupo de pensadores que, liderado por Emmanuel Mounier, em 1932, fundou a revista *Esprit*. Desse grupo faziam parte, entre outros, Jean Lacroix (1900-1986) e Maurice Nédoncelle (1905-1976). Mounier tenta a aventura de uma filosofia não universitária. O movimento em torno de *Esprit* tem forte orientação cristã e comunitária. Sob a bandeira do personalismo, desencadeia um confronto com o existencialismo e com o marxismo. Busca uma nova civilização, combatendo todo tipo de alienação, desde o plano econômico-social, denunciada por K. Marx, até o da pessoa no coletivismo anônimo, no determinismo histórico e no egoísmo vital.

O personalismo francês foi preparado por Charles Renouvier (1815-1903), que integrou, na filosofia kantiana, a filosofia da pessoa. Influenciado por Renouvier, Mounier persegue um interesse mais prático que teórico, assumindo uma orientação de “revolta contra as tiranias de nosso tempo”: a ciência sem sabedoria, a sociedade tecnocrática, a vida privada individualista, a literatura sem preocupações humanistas, a indiferença dos políticos perante os problemas humanos do mundo. Influenciado pelo pensamento de S. A. Kierkegaard e pela ação social proclamada por Marx e pelo trabalho de Charles Péguy, o personalismo francês defendia um solidarismo cristão.

Costuma-se citar, entre os filósofos personalistas, alguns pensadores alemães como Peter Wust (1884-1940), Romano Guardini (1885-1968) etc. Os temas mais importantes desses filósofos são a relação do homem com o mundo, a significação da liberdade da pessoa e a vinculação da pessoa com a comunidade. Aqui, nos limitaremos a tratar do personalismo francês, cuja atualidade perdura pela maneira como coloca em discussão o diálogo entre filosofia e realidade concreta, entre liberdade e responsabilidade pessoal.

4.1 Emmanuel Mounier (1905-1950)

E. Mounier é um pensador que, fora da filosofia universitária e acadêmica, marcou uma geração pelo tipo de compromisso, de engajamento e de diálogo, ligados a uma fé cristã aberta. Sua ação está vinculada à tomada de consciência das crises pelas quais a sociedade europeia atravessou no período de 1930-1950, a crise econômica de 1930, a ascensão dos totalitarismos, os desafios marxistas e a Segunda Guerra Mundial. Mounier não pretendia construir um sistema filosófico, mas queria mudar a história. Como pedagogo, desenvolveu o projeto de uma nova civilização, como já manifesta seu livro *Revolução personalista e*

comunitária, no qual reuniu artigos publicados na revista *Esprit* entre 1932 e 1934. Em 1936, publicou *Manifesto a serviço do personalismo* e, em 1949, *O personalismo*.

Para Mounier, a pessoa não é o indivíduo. Ela também não se opõe à comunidade: ela é o centro invisível com o qual tudo está em ligação. Desde 1939, em *Personalismo e cristianismo*, ele reconhece o que a própria compreensão do conceito de pessoa deve ao mundo cristão, em oposição à herança grega. Em 1943-1944, Mounier reflete sobre a presença do trágico na compreensão da existência do crente. Com o marxismo, o personalismo compartilha a convicção de que é necessária uma revolução que privilegie a formação e a pedagogia da pessoa, com especial atenção aos marginalizados e humilhados. Contudo, Mounier é contra a violência. Depois da guerra, o personalismo defrontou-se com a problemática do existencialismo, que encontramos no *Tratado do caráter* e no livro *O personalismo*. Neste, faz uma reflexão sobre a pessoa: “A pessoa não é o ser; ela é o movimento de ser para o ser e ela é consistente somente no ser que ela visa”.

A filosofia personalista de Mounier gira em torno de uma problemática triangular: liberdade-valores-história. Essa problemática enfrenta os temas do mal e da transcendência. Num primeiro momento, surge como o despertar da pessoa e como pedagogia comunitária. Nessa fase, tenta: a) *refazer a renascença*, ou seja, é obra do homem projetar uma civilização como empreendimento verdadeiramente ético, passando por uma crítica dos erros doutrinários e moralistas; o mundo da pessoa deve ser refeito a partir das suas ruínas, que ele tipificou no burguês e no fascista; b) *o mundo da pessoa*: Mounier usa algumas fórmulas da tradição filosófica a respeito da pessoa: “Centro invisível que tudo polariza”, “presença de mim a mim”, “cifra única”, “generosidade” etc.; a pessoa é a figura-limite da verdadeira comunidade, devendo-se entender as fórmulas acima em união com o impulso para um mundo a promover, apesar de Mounier acentuar a interioridade inviolável do “universo pessoal”; ele estabelece alguns pares de conceitos inseparáveis: vocação e meditação, encarnação e compromisso, comunhão e despojamento; c) *personalismo e cristianismo*: o personalismo de Mounier é um pensamento orientado pelo retorno do espiritual que P. Ricoeur chamou de “tomismo essencial”, cujo humanismo distancia-se tanto do pessimismo luterano quanto do otimismo iluminista; d) *personalismo e marxismo*: para Mounier, o marxismo “é um otimismo do homem coletivo que encobre um pessimismo radical da pessoa”.

É inegável a proximidade entre o personalismo e o existencialismo. Para constatar isso, basta analisar a estrutura do universo pessoal: a) a existência encarnada; b) a comunicação; c) a conversão íntima; d) o